

CONSIDERAÇÕES SOBRE A PREFIXAÇÃO

Maria Cristina Figueiredo Silva¹

Carlos Mioto¹

llv1mcf@cce.ufsc.br

mioto@cce.ufsc.br

RESUMO: Este estudo tem por objetivo defender a hipótese de que os prefixos, como os sufixos, selecionam rigidamente a base com a qual se combinam. Para tanto, serão examinados casos de sufixação para mostrar que certas características da seleção, como as incompatibilidades categoriais ou semânticas entre a base e os afixos e a possibilidade de homonímia de sufixos, também se encontram na prefixação.

PALAVRAS-CHAVE: prefixação; seleção categorial; morfologia gerativa.

INTRODUÇÃO

A afixação é um título geral que recobre tradicionalmente dois processos na formação das palavras: a prefixação e a sufixação. Embora em teorias morfológicas mais recentes (como a de Di Sciullo, 2005 ou a morfologia distribuída de Halle e Marantz, 1993) os dois processos sejam considerados rótulos de generalizações descritivas, a tradição morfológica os tem tratado como distintos. O ponto de distinção diretamente observável é que os prefixos se colocam antes da base lexical a que se afixam e os sufixos depois. Outro ponto largamente apontado na tradição é que os sufixos têm a propriedade de mudar a classe das palavras, enquanto os prefixos não fazem isso. Porque os sufixos determinam a classe da palavra formada (que doravante chamaremos de *produto*), seu estudo nunca perdeu de vista a classe da palavra primitiva (aqui chamada *base*). Em conseqüência, formou-se um consenso razoável de que os sufixos selecionam a base. Por outro lado, não se formou para os prefixos uma tradição que os classificasse de acordo com a base com a qual se combinam. Assim, por

¹ Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC. Ambos os autores são pesquisadores do CNPQ, respectivamente processos n.º. 300.737.1994-7 (II) e n.º. 301.396/84-1 (Id).

exemplo, ainda que a tradição gramatical os considere formadores de palavras derivadas, muitas vezes limita-se a ordená-los alfabeticamente dentro de dois grandes grupos segundo provenham de uma ou de outra das duas línguas clássicas, o grego ou o latim.

Mais recentemente, alguns trabalhos sobre o português fazem referência ao fato de que prefixos também se juntam a bases de classe determinada. Mas mesmo aqui essas observações não são levadas até as suas últimas conseqüências: tanto quanto sabemos, nenhum autor brasileiro classifica os prefixos segundo a classe de palavras com a qual eles podem se combinar, isto é, em termos de seleção categorial, como alguns fazem com os sufixos. Mesmo autores que trabalham dentro do quadro da morfologia gerativa, como Rocha (1999), apresentam os prefixos como se eles não fizessem exigências rígidas com respeito à classe dos elementos com os quais se unem. Aparentemente, não se vê vantagem em explorar tal hipótese. No entanto, defendemos aqui que prefixos selecionam a base com a qual combinam e que a seleção envolve tanto a categoria como certas características semânticas da base. As propriedades deste processo estão acessíveis em palavras formadas produtivamente. Esta é uma hipótese assumida prontamente nas línguas que têm um sistema rico de prefixos, como é o caso dos afixos aspectuais das línguas eslavas (Svenonius, 2004). Sob uma concepção que assume, para além das especificidades de cada nível, que os processos gramaticais mais gerais que valem para um nível se estendem a outros, a hipótese de que os prefixos selecionam a base não representa custo adicional se ela já se aplica na sintaxe onde, por exemplo, um verbo seleciona seus argumentos.

O presente trabalho pretende mostrar a plausibilidade e a vantagem descritiva da hipótese de que a prefixação se comporta exatamente como a sufixação no que diz respeito à seleção da base. Iniciamos na seção 1 discutindo a distinção entre derivação e composição, com o intuito de preparar o terreno para dar uma definição estrita de prefixação. A seção 2 discute certas características da sufixação, realçando que os sufixos selecionam a base com a qual se juntam e que eles podem ser ambíguos, propriedades que mostraremos, na seção 3, que também podem ser observadas na prefixação. A última seção resume a conclusão e mostra linhas futuras de pesquisa.

1. COMPOSIÇÃO E DERIVAÇÃO

Conduzindo a discussão em paralelo com a morfologia tradicional, uma palavra simples e primitiva se caracteriza por conter sempre² um radical e, deixando de lado os morfemas flexionais, às vezes um morfema classificatório (vogal temática). Quando se trata de formar palavras a partir das simples e primitivas, assume-se que estão disponíveis dois processos: a derivação (nos limitaremos nesta seção à derivação sufixal, para facilitar a discussão) e a composição. Mantendo a linha de discussão tradicional, os dois processos se distinguem em vários planos.

No plano morfológico (cf. Basílio 1980), uma palavra é dita composta quando é formada por pelo menos duas bases lexicais pertencentes à classe dos nomes (N), verbos (V), adjetivos (A)³; uma palavra é dita derivada quando é formada por uma base mais pelo menos um membro de uma classe de morfemas funcionais, da qual em geral estão excluídos os morfemas classificatórios e flexionais. Assim, *guarda-roupa* é uma palavra composta de uma base verbal *guard-* e uma base nominal *roup-*; e *roupeiro* é um derivado formado da base nominal *roup-* e do morfema *-eiro*.

No plano semântico (cf. Basílio 1987), quase sempre resulta que as bases lexicais que formam o composto percam seu sentido e que a palavra composta tome um sentido que nem sempre está relacionado lexicalmente com o das bases. Assim, *guarda-roupa* significa ‘armário para guardar roupa’ e o composto é formado com uma base verbal, que aponta uma ação, e uma base nominal, que aponta para o objeto afetado pela ação; mas o composto *amor-perfeito* não tem nenhuma base que o relacione com o objeto flor, a que ele se refere. Por outro lado, o sentido de um derivado é sempre ao menos parcialmente determinado pelo morfema funcional que é afixado à base. O significado de ‘armário para guardar roupas’ que *roupeiro* tem deve ser creditado ao sufixo *-eiro*.

No plano sintático, a composição se distingue da sufixação por não ser uma combinação que preserva a endocentricidade (Miotto, Figueiredo Silva e Lopes, 2004). A endocentricidade é uma propriedade que pode ser atribuída a um derivado se adotamos a hipótese de o sufixo ser seu núcleo, já que é ele que determina a categoria (e

² No extremo é possível termos pouquíssimas palavras sem radical (ou com radical zero), como o determinante *o* e o verbo *ir*, que só apresentam morfemas classificatórios.

³ Mas temos também processos de composição mais raros como o que forma o nome *porquê* da preposição *por* e do pronome *Qu* *que*.

ao menos parcialmente o sentido) do derivado⁴. Isto já não acontece na composição onde nenhuma das bases, em princípio, funciona como núcleo nem determina a categoria da palavra resultante. Assim, a nenhuma das bases de *corre-corre* pode ser atribuído o papel de núcleo, pois elas, sendo verbais, não determinam a categoria do composto que é nominal. Por outro lado, no derivado *correria* o sufixo *-eria* deve ser identificado como núcleo porque, no mínimo, determina a categoria da palavra formada. Além disso, o processo de composição opera essencialmente para formar, dentre as categorias lexicais, itens [+N] (nomes e adjetivos)^{5, 6}. Por outro lado, a sufixação concorre para formar produtivamente adjetivos, nomes e verbos.

No plano fonológico, segundo Camara Jr. (1970), uma palavra derivada se distingue de uma composta por ser arrizotônica: a base cede sistematicamente seu acento subjacente ao (último) sufixo acrescentado⁷. Em uma palavra composta, por outro lado, pelo menos a última base mantém seu acento subjacente; a primeira pode perdê-lo, como acontece nos casos de aglutinação. Assim, a base *guard-* conserva o acento em *guarda-roupa* (chamado acento secundário por Câmara Jr.), mas *roup-* o cede ao sufixo *-eiro* em *roupeiro*.

Estas são as propriedades básicas apontadas tradicionalmente para distinguir composição de derivação. Se não são categóricas, como sugerem várias das nossas notas de rodapé, elas pelo menos apontam as direções tomadas predominantemente por cada um dos processos de formação de palavras. Todos sabemos que existem muitos casos em que a clareza da distinção se dilui. Veja, por exemplo, o processo de formação de advérbios em *-mente*. Camara Jr. (1978) considera que um advérbio como *calmamente* deve ser formado por composição. Contra a tradição, que realça que *-mente* muda a categoria da palavra de adjetivo para advérbio, ele defende sua hipótese argumentando

⁴ A idéia de que as palavras possuem um núcleo remonta a Williams (1981), para quem o núcleo é o elemento mais à direita da construção morfológica. Em inglês (mas não nas línguas românicas), essa idéia pode ser estendida também ao tratamento da composição. E, ainda que não seja desprovida de problemas, essa hipótese apresenta uma série de conseqüências interessantes, que serão assumidas no correr do texto.

⁵ A composição não é um processo que atua produtivamente para formar verbos. Não nos ocorre nenhum verbo formado diretamente por composição: um verbo como *ziguezaguar* pode sempre ser concebido como uma formação parasita do nome *ziguezague*.

⁶ Quanto à formação de compostos funcionais, é de se prever que isto seja muito raro, dado que, por natureza, os itens funcionais constituem um inventário fechado. No entanto, é possível defender que existam palavras compostas neste domínio, como *portanto*, *senão*, *enquanto*.

⁷ A questão do acento é bem mais complexa; na verdade, há sufixos, como o formador de adjetivos a partir de verbos *-vel*, que não provocam a alteração do lugar do acento mantendo-se este sobre a vogal temática, como ocorre na palavra primitiva: *inacreditável* ou *incrível*. Há também outros sufixos, como *-ico*, que forma adjetivos proparoxítonos de nomes e que, exatamente por formar adjetivos proparoxítonos, pode manter a acentuação da base (*alfabético*), fazê-lo recuar (*categórico*) ou avançar (*simbólico*). O caso mais geral, no entanto, pelo menos com os sufixos formadores de nomes como *-eiro*/, é o sufixo que toma para si o acento da palavra.

que o advérbio exibe duas particularidades que não se verificam nos derivados comuns: a presença da flexão de feminino no morfema *-a-*, que denota um tipo de concordância com *-mente*, e a preservação do acento subjacente da base *calm-*.

Na verdade, não é só no campo fonológico que é possível encontrar desencontros de classificação entre a direção para a qual aponta o critério e a classificação tradicional. A rigor, para cada uma das distinções apontadas entre composição e derivação, existem contra-exemplos claros. Assim, para o critério morfológico que afirma que a composição opera juntando (pelo menos) duas bases lexicais pertencentes à classe dos nomes (N), verbos (V), adjetivos (A), temos exemplos como *bisavô*, um caso de composição para a GT, mas que não instancia claramente duas bases N, A ou V. E se a derivação deve trabalhar com uma base lexical mais pelo menos um membro de uma classe de morfemas funcionais, excluídos os morfemas classificatórios e flexionais, também não é claro como encaixar *super-homem* nesta classificação.

O problema parece ser que as diferenças apontadas entre derivação e composição são sempre tendências, não leis absolutas. Assim, mesmo as características sintática (da falta de endocentricidade da composição) e semântica (da composicionalidade da derivação) encontram contra-exemplos claros em formações como *anti-rugas* – o caso da prefixação que muda a classe da palavra e por isso núcleo não está mais à direita, mas à esquerda – ou *contra-regra*, um caso de derivação que não apresenta composicionalidade no sentido. Ao contrário, temos *sofá-cama*, um exemplo de composição de sentido absolutamente composicional, ou *saca-rolha*, um composto de núcleo à direita.

Esses desencontros internos aos próprios critérios ainda podem ser somadas aos desencontros entre os critérios, que não exploraremos aqui. O que vimos basta para mostrar a dificuldade de separar estes dois processos, sobretudo sem uma definição clara de certas propriedades morfológicas específicas de cada um deles. É por isso que na próxima seção vamos nos dedicar a examinar de perto os processos derivacionais sufixais, com o intuito de isolar propriedades características da derivação que possam se estender também aos prefixos, nosso interesse principal neste estudo.

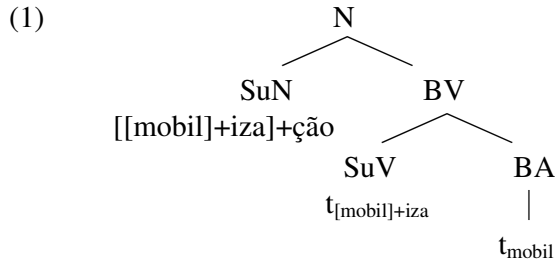
2. SUFIXAÇÃO

Estivemos tratando a sufixação como protótipo de derivação. Para este trabalho interessa pôr em relevo alguns aspectos da sufixação que se assemelham aos da prefixação. O mais importante deles é a idéia de que o sufixo escolhe a base à qual se junta, uma idéia que discutiremos mais extensamente aqui.

2.1 SUFIXOS E SELEÇÃO

A idéia de escolha é formalizada em sintaxe como seleção: c-seleção se o que é selecionado é um determinado tipo de categoria; ou s-seleção se o que é selecionado é de determinado tipo semântico. A afirmação de que o sufixo seleciona a categoria da base com a qual se combina põe um problema, dado que a base por si só não contém especificações que permitam enquadrá-la em determinada categoria. Entretanto, notamos que as bases têm indicações de qual será sua categoria preferencial. Estas indicações podem ser notadas na menor palavra formada com a base. Por exemplo, *útil* é uma base adjetival porque a menor palavra formada com ela é o adjetivo *útil*. Por isso, é possível continuar afirmando que o sufixo c-seleciona a base.

Várias poderiam ser as teorias a dar um aspecto mais técnico para estas idéias, desde a projeção estendida de Grimshaw (1991) aplicada à morfologia até concepções recentes da estrutura da palavra como a de Di Sciullo (2005), passando pela Morfologia Distribuída ou a morfologia sem morfemas de Anderson (1992). Não adotaremos nenhuma dessas visões em específico, ficando apenas com a idéia básica de que as palavras derivadas admitem uma análise de sua estrutura interna e uma representação do tipo arbóreo já conhecido na sintaxe. Assim, em paralelo com a sintaxe, a história derivacional de uma palavra como *mobilização* é ilustrada informalmente em (1), onde SuN abrevia sufixo nominal, SuV abrevia sufixo verbal, B abrevia base e *t* com o subscrito imita vestígio:



A adjunção dos núcleos inferiores se faz linearmente à esquerda dos superiores e, hierarquicamente, em uma posição de onde o núcleo adjungido c-comanda seu vestígio. A relação que se sustenta entre o sufixo e a base é que o primeiro seleciona (ou subcategoriza) a segunda. A capacidade de selecionar é uma propriedade do sufixo que vai explicar por que certas formações são gramaticais enquanto outras são descartadas. Assim, se prevê que *-izar* é um sufixo verbalizador que seleciona uma base A e *-ção* um nominalizador que seleciona uma base V.

Para mostrar o que está envolvido na seleção, observemos mais de perto o comportamento do sufixo *-or*, que seleciona bases da categoria V. Observe primeiramente que este sufixo não se combina com qualquer V: desde Burzio (1986) sabemos que ele se combina otimamente com bases V transitivas e inergativas, mas não com bases inacusativas. Assim, teremos formações gramaticais como (2a) e (2b), ao lado de formações altamente improváveis como (2c):

- (2)
- a. trabalhador, falador, corredor (João é trabalhador)
 - b. escritor, portador, digitador (João é digitador (de textos))
 - c. *chegador, *sumidor, *saidor (*João é saídor)

Em paralelo com a morfologia, as sentenças entre parênteses são bem formadas com o predicado se aplicando ao sujeito *João*, que nos casos possíveis de (2a,b) tem a interpretação agentiva⁸, impossível para os sujeitos de verbos inacusativos (2c).

Portanto, é possível concluir que o que está envolvido na seleção são propriedades, por exemplo, de tipo categorial (como ser verbo), sintáticas (como ser verbo transitivo) e semânticas (como o verbo ter papéis semânticos de certos tipos em sua grade temática).

⁸ Alternativamente, o papel semântico de instrumento também fornece um bom resultado, mas aqui possivelmente estamos frente a um caso de homonímia, que discutiremos na próxima seção.

2.2 SUFIXOS E HOMONÍMIA

Para manter que o sufixo seleciona a base, temos que discutir casos em que um sufixo com a mesma forma fonética se afixa a bases diferentes ou produz palavras com propriedades semânticas distintas. Rocha (1999) afirma que há sufixos homófonos, como *-eiro*, que têm a propriedade de c-selecionar bases nominais e formar um nome:

- (3) a. o abacateiro, o limoeiro, a bananeira, a goiabeira
- b. o abacate, o limão, a banana, a goiaba

Em (3a), o nome derivado acaba por significar "árvore que produz a fruta designada pelo radical". Aparentemente o mesmo sufixo pode também formar nomes como os de (4):

- (4) o sacoleiro/a sacoleira, o roqueiro/a roqueira, o doleiro/a doleira

Em (4), os derivados significam "indivíduo que lida com a coisa designada pelo radical". E adicionalmente, este sufixo pode formar nomes como os de (5):

- (5) a cristaleira, a chaleira, a cafeteira, a manteigueira

Em (5), a contribuição semântica do sufixo para a palavra formada é "recipiente para acomodar a coisa designada pelo radical". Observe que o sufixo *-eiro* traz contribuição semântica diferente para cada derivado: "árvore" em (3), "indivíduo" em (4) e "recipiente" em (5). E, ao lado da contribuição semântica, traz contribuições morfológicas: mantém o gênero dos primitivos em (3); uniformiza o gênero do derivado em (4) para masculino, podendo o derivado ser flexionado; e uniformiza o gênero do derivado em (5) para feminino (com algumas exceções, como *roupeiro*). No plano fonológico, o acento migra da base para o sufixo. E, apesar de o sufixo apresentar homofonia⁹, uma propriedade se mantém constante: o sufixo c-seleciona uma base N para se afixar.

⁹ Talvez se possa negar que existem sufixos homófonos construindo uma generalização que concebe *-eiro* como uma função aberta que se realiza de acordo com a base afixada, no espírito do trabalho de

O caso de um sufixo *-al* é ligeiramente diferente do anterior porque ele forma nomes, como em (6a), ou adjetivos, como em (6b):

- (6) a. laranjal, cafezal, bananal
- b. semanal, anual, mensal

Neste caso, em que a categoria e o sentido dos derivados são claramente divergentes, parece claro que se trata de verdadeira homonímia: são dois morfemas com a mesma forma fonética.

Em resumo, nota-se sistematicidade suficiente para a postulação de que o sufixo seleciona a base com a qual se combina. Ele acrescenta à base que se incorpora a ele o estatuto de palavra (de uma certa classe). Se um sufixo se combina com bases diferentes ou produz efeitos categoriais e semânticos diferentes dependendo da base, podemos conceber isto como indício de que estamos frente a sufixos homônimos.

3. PREFIXAÇÃO

Os estudos tradicionais sobre a prefixação parecem ter produzido uma sistematização ainda menos sólida, pelo menos em português, do que os que se debruçam sobre a sufixação. Possivelmente, este é um resultado das divergências suscitadas pela forma como esse processo de formação é abordado, a começar pelo debate sobre se prefixação é um caso derivação ou de composição. Mesmo quando se chega a um acordo sobre ser um certo morfema um prefixo, ainda assim se discute se o processo que formou a palavra é composição ou derivação (cf. o critério fonológico de Camara Jr., 1978). E, para complicar ainda mais a discussão, normalmente se lança mão de argumentos muito variados, mesmo alguns que não contribuem para a conclusão, como aqueles baseados em conhecimentos de etimologia, já que esses conhecimentos nem sempre estão disponíveis para os falantes das línguas que, apesar disso, sabem como usar prefixos.

Parece que a maior fonte de problemas envolvidos na prefixação reside na dificuldade de definir o que é um prefixo. Em geral, as definições são amplas o

Pustejovsky (1995) ou assumindo, como fazem Basílio e Andrade (2005) a propósito do prefixo *re-*, que se trata de polissemia.

suficiente para recobrir tudo o que na tradição gramatical é considerado um prefixo. O ponto de partida desta tradição são listas de morfemas gregos e latinos que não podiam ser enquadrados como bases N, V ou A e que eram identificados como mais ou menos funcionais, semelhantes a preposições (*contra, ante*), a numerais (*tetra, ambi*), a advérbios (*quasi*). A amplitude se mantém mesmo em tentativas mais recentes de definir o que é um prefixo e as dificuldades ficam patentes em definições como a de Rocha (1999: 152), onde muitos traços definitórios são usados: estar à esquerda da base, não ser base N, V ou A, ser recorrente, ter identidade fonética, semântica e funcional e ser preso.

Estabelecer que a prefixação é uma afixação ao lado esquerdo da base (LEB) concorre para distinguir este processo de todos os outros que envolvem sufixação. Afirmar que o prefixo não é uma base N, V ou A (NVA), distingue a prefixação da composição¹⁰. A recorrência (REC) discrimina o processo de prefixação de outros que assistematicamente adjungem um morfema antes da base. A identidade fonética, semântica e funcional (FSF) associa os prefixos a preposições, numerais ou advérbios, mantendo-os distanciados das bases N, V ou A. A propriedade de ser preso (PRE) mantém os prefixos dentro da classe dos afixos, distinguindo-os das formas livres.

Se aplicamos estes traços definitórios a algumas formações, vamos ter o resultado espelhado na Tabela 1:

Traços	agronegocio	sempre-viva	porquê	extrapor	compor	não-fiel	infel	reler
LEB	SIM	SIM	SIM	SIM	SIM	SIM	SIM	SIM
NVA	SIM	NÃO	NÃO	NÃO	NÃO	NÃO	NÃO	NÃO
REC	SIM	NÃO	NÃO	SIM	SIM	SIM	SIM	SIM
FSF	NÃO	SIM	SIM	SIM	SIM	SIM	SIM	SIM
PRE	SIM	NÃO	NÃO	NÃO	NÃO	NÃO	SIM	SIM

Tabela 1: Aplicação dos traços definitórios a alguns candidatos a prefixos

De imediato, percebemos que os traços NVA e FSF são redundantes: têm a mesma função na matriz, que é isolar *agronegocio* das outras formações, e por isso

¹⁰ Tradicionalmente, os radicais são pensados como tendo significação “externa”, isto é, como “referentes a fatos do mundo extralingüístico” nas palavras de Cunha e Cintra (1985: 76); os prefixos (talvez os afixos de modo geral) se caracterizam por apresentarem significação “interna”, ou seja, uma semântica que, ainda nas palavras de Cunha e Cintra (1985: 77), “deriva das relações e categorias levadas em conta pela língua”. O problema com este critério é que não é simples definir o que é “interno” e o que é “externo” à língua.

podemos eliminar um deles, digamos FSF. O traço REC, por sua vez, isola *sempre-viva* e *porquê* das formações restantes, o que nos induz a não considerar também o advérbio *sempre* e a preposição *por* como prefixos. Considerando, por fim, as cinco formações restantes, vemos que é possível separá-las em dois grupos, de acordo com o traço PRE: *in-* e *re-* não podem ser morfemas livres enquanto *extra*, *com* e *não* podem. Se levamos a sério a idéia de que o prefixo é um afixo, isto é, um morfema talhado para ser amalgamado a uma base, podemos concluir que, de todas as formações da Tabela 1, apenas *infiel* e *reler* são casos de prefixação genuína.

Pelo menos nos casos exemplificados por *não-fiel*, é possível demonstrar que a formação não se dá no nível da morfologia, o que nos leva a concluir que *não* não é um afixo. Sabemos que numa formação verdadeiramente morfológica qualquer morfema é inativo para processos sintáticos. Consideremos o processo sintático de licenciamento de palavras negativas como *ninguém*, *nada* ou *nenhum*. Palavras desta classe no português só podem ocorrer após o núcleo de um constituinte se uma negação precede este núcleo e, ao mesmo tempo, c-comanda a palavra negativa. Tal fenômeno pode ser observado em (7a), onde *não* precede o verbo *ter* e c-comanda *ninguém*:

- (7) a. Não ter avisado ninguém foi grave.
- b. *Ter avisado ninguém foi grave.
- c. *Não ter avisado Maria foi grave para ninguém.

A sentença em (7b) é agramatical porque nenhuma negação precede o verbo *ter*. A sentença em (7c) também é agramatical, mas agora a razão é diferente: *não* precede os verbos *ter* e *foi*, mas não c-comanda *ninguém*. Analisemos agora os exemplos em (8):

- (8) a. Considero o João não-fiel a ninguém.
- b. *Considero o João infiel a ninguém.

O que temos em (8) é que *não*, mas não o prefixo negativo *in-*, é capaz de licenciar *ninguém* após o adjetivo. Portanto, *não* c-comanda *ninguém* e deve estar ativo na sintaxe, não podendo ser um afixo. Por outro lado, o morfema negativo *in-* já faz parte

da palavra formada, sendo sintaticamente inativo. Por isso, ao contrário do que defende Alves (1992), se *in-* é um prefixo, *não* não pode sê-lo¹¹.

A discussão que vamos promover aqui procura seguir a linha tradicional do debate, mas exige que adotemos uma visão muito restrita do que é prefixo e do processo de prefixação. Ela requer que se façam certas exclusões. Em primeiro lugar, devem ser excluídas formações como *ambivalente*, *quasi-afixo*, *extraordinário*, *contrapor* ou *compor*, pois o que seria prefixo (*ambi-*, *quasi-*, *extra-*, *contra-*, *com-*) pode ocorrer como palavra independente¹². Além disso, devem ser excluídas certas formações (que podemos chamar de diacrônicas), como as que vemos nos verbos *exprimir*, *imprimir*, *reprimir*, *comprimir*, por dois motivos (que talvez sejam duas faces da mesma moeda): primeiro porque, se suprimimos as partes que são consideradas prefixos (*im-*, *ex-*, *re-*, *com-*) o que sobra é **primir*, que não é uma palavra do português atual; segundo porque estas formações não são produtivas atualmente e a produtividade da formação é uma propriedade importante para nossa discussão.

Os prefixos aos quais nossa discussão se aplica constituem um pequeno grupo de morfemas monossilábicos que não têm registro como palavras livres, como *re-* de *reeditar*, por exemplo, mas não como *com-* de *compor*. Esses morfemas presos só se afixam à esquerda de uma base que tem existência como palavra, condição que inclui o *re-* que se afixa a *repor* ou *recolocar*, mas não o que se afixa a *reprimir*. Eles conservam sistematicamente seu sentido, polissemia à parte, ao se prefixarem a uma base, que no caso do prefixo *re-* é de repetição: o sentido de repetição é facilmente depreendido em *repor*, mas só com alguma elaboração histórica pode ser depreendido de *reprimir*.

Uma vez com essa definição restrita de prefixação em mãos, podemos abordar o assunto que mais especificamente nos interessa aqui: as propriedades de seleção e homonímia que os prefixos, como os sufixos, parecem ter.

¹¹ O argumento serve igualmente para demonstrar que uma formação com *não* prefixado não pode tampouco ser tratada como um caso de composição, já que também aí a mesma propriedade – a opacidade morfológica – está em jogo.

¹² Adicionalmente, pelo menos nos casos em que temos dissílabos, vemos que o primeiro morfema da formação conserva seu acento subjacente, indício robusto de que se trata de composição para Camara Jr. (1970).

3.1 PREFIXOS E SELEÇÃO

Dado que para os prefixos nunca se construiu uma tradição em que se cogitasse a idéia de seleção rígida, não é difícil imaginar que uma palavra prefixada poderia ser o resultado de diferentes opções de combinação. É o que acontece, por exemplo, com a palavra *imobilização*, que apresentaria as três possibilidades em (9):

- (9) a.
- ```

 N
 / \
 V S
 / \ -ção
 A2 S
 / \ -iza-
P A1
i- -mobil-

```
- b.
- ```

      N
     / \
    V2 S
   / \  -ção
  P   V1
 i-  / \
     A   S
    -mobil- -iza-

```
- c.
- ```

 N2
 / \
 P N1
 i- / \
 V S
 / \ -ção
 A S
 -mobil- -iza-

```

Para chegarmos às três árvores em (9), descartamos, de início, a possibilidade de um sufixo se juntar a outro sufixo para formar complexos de sufixos como *-ização*, visto que estamos assumindo que um sufixo só pode se juntar a algo que contenha no mínimo uma base.

Em (9a) está representado que, primeiro, o prefixo (P) negativo *i-* se une à base adjetival (A<sub>1</sub>) *-mobil-* e forma a base A<sub>2</sub> *imobil-*; depois, o sufixo (S) *-iza-* se une à base A<sub>2</sub> e forma a base verbal (V) *imobiliza-*; e, por fim, o S *-ção* se une à base V e forma o nome (N) *imobilização*. Observe os efeitos de juntar um prefixo ou um sufixo a uma base: no primeiro caso a categoria da base não muda, mas no segundo é mudada de acordo com o fato de o sufixo ser um nominalizador como *-ção* ou um verbalizador como *-iza-*. O que (9b) tem de diferente em relação a (9a) é que o P *i-* se une à base V<sub>1</sub> *mobiliza-* em vez de se unir à base A<sub>1</sub>. Em (9c), por sua vez, é à base N<sub>1</sub> que o P *i-* se une.

Não temos razões para acreditar que os processos verdadeiramente morfológicos sejam irrestritos a ponto de permitir três estruturas para a mesma palavra<sup>13</sup>. Cada uma das estruturas de (9) afirma algo diferente sobre a palavra *imobilização*, em especial, sobre o prefixo negativo */i-/*: afirma que é prefixo de adjetivo em (9a), de verbo em (9b) e de nome em (9c). Entretanto, se observamos rapidamente o comportamento deste prefixo, vemos que ele é produtivo em se combinar com adjetivos, como mostra (10):

(10) imóvel, infeliz, irreal, impessoal, insensato

(10) dá suporte à hipótese de que *i-* é prefixo de adjetivo e uma forma de traduzir esta idéia é a seleção. Por exemplo, na sintaxe um predicado seleciona os argumentos com os quais se combina. Se supomos que os prefixos também têm a capacidade de selecionar, não estamos fazendo mais do que estender explicitamente aos prefixos a

---

<sup>13</sup> Note-se que os processos sintáticos jamais permitem isso. Uma sentença (seqüência de palavras) pode apresentar mais de uma estrutura, mas para cada estrutura vai haver um sentido diferente. Veja o exemplo de Miotto, Figueiredo Silva & Lopes (2004) em (i):

- (i) Ele viu o incêndio do prédio da esquina.  
(ii) a. Ele viu [<sub>DP</sub> o incêndio do prédio da esquina]  
b. Ele viu [<sub>DP</sub> o incêndio do prédio] da esquina.  
c. Ele viu [<sub>DP</sub> o incêndio] do prédio da esquina.

Em (i) há três sentidos e cada um depende do quê se combina com o quê na formação do constituinte entre colchetes. Se *da esquina* se combina com *do prédio* que se combina com *o incêndio* formando um DP, o sentido é que o que ele viu foi o incêndio do prédio da esquina. Se *da esquina* não se combina com *o incêndio do prédio* o sentido é que o que ele viu da esquina foi o incêndio do prédio. Se, por fim, *do prédio da esquina* não se combina com *o incêndio* o sentido é que o que ele viu do prédio da esquina foi o incêndio.

capacidade, verificada em outros domínios da gramática, de um certo item selecionar os elementos com os quais se combina. Isto é admitido para outros domínios funcionais, como o das flexões: a flexão que se localiza na categoria I seleciona invariavelmente um sintagma verbal (VP) como complemento. É essa a idéia que baliza o comportamento dos sufixos derivacionais (cf. entre outros Rocha, 1999): por exemplo, o sufixo *-izar* seleciona uma base A, como *mobil-*, e o produto da combinação é o verbo *mobilizar*.

Aparentes contra-exemplos para esta afirmação são os exemplos em (11):

(11) infelizmente, impossibilidade, imobilizar, insensatez

As formações em (11) não são verdadeiros contra-exemplos porque em todas elas é possível identificar um estágio de formação em que existe um adjetivo – *feliz*, *possível*, *móvel*, *sensato* – e é nesse momento que a prefixação ocorreu.

Confirmação para este argumento vem do fato de que nomes e verbos que não contêm um estágio adjetival em sua derivação não aceitam a prefixação com *i(n)-*:

(12) \*intossir, \*infazer, \*inesperança, \*irato

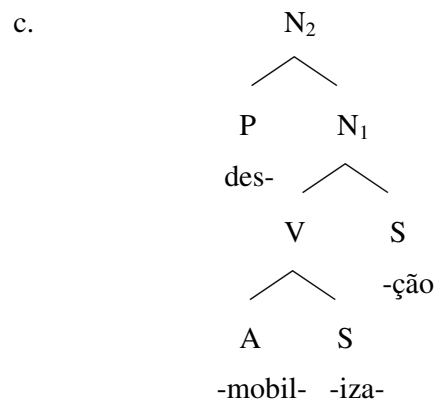
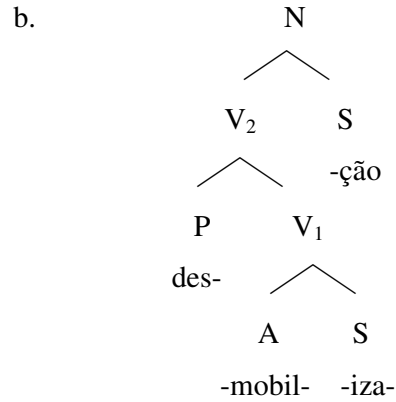
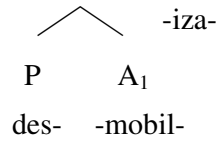
Se assumimos a idéia da seleção rígida também para os prefixos, eliminamos o paradoxo das três possibilidades em (9), resultando que (9a) é a estrutura de *imobilização*, pois é única em que são respeitadas as propriedades do prefixo negativo *i-* (que seleciona adjetivos, e apenas adjetivos).

### 3.2 PREFIXOS E HOMONÍMIA

Vamos agora examinar um outro caso de prefixação, o da palavra *desmobilização*. Como fizemos em (9), podemos atribuir de início as três estruturas em (13) a esta palavra:

(13) a.

$$\begin{array}{c}
 \text{N} \\
 \diagdown \quad \diagup \\
 \text{V} \quad \text{S} \\
 \diagdown \quad \diagup \quad \text{-ção} \\
 \text{A}_2 \quad \text{S}
 \end{array}$$



A morfologia que vislumbramos não tolera esta opcionalidade e a hipótese da seleção rígida feita por prefixos concorre decisivamente para reconhecer qual é a estrutura da palavra. Só precisamos descobrir que tipo de base o prefixo *des-*, que significa reversão, seleciona. Podemos deduzir qual é a base observando (14):

- (14) desfazer, desconectar, descombinar, desinfetar, destelhar, desconsiderar

O prefixo *des-* se combina produtivamente com verbos. Portanto, a estrutura correta de *desmobilização* deve ser (13b), em que o prefixo só se combina com a base depois que se forma o verbo.



Não deve servir de contra-exemplo para a afirmação de que *des-* é prefixo de verbos a existência de adjetivos claramente formados com o prefixo *des-*, como os de (15):

(15) desnecessário, desleal, desumano, deselegante, desigual

(14) e (15) aparentemente mostram que o prefixo *des-* ora se combina com uma base V ora com uma base A, o que significaria que as propriedades de seleção de um afixo não podem ser formuladas em termos de um princípio como o de seleção rígida. Entretanto, chamamos a atenção para o fato de que o sentido do prefixo não é o mesmo quando ele se combina com verbos e com adjetivos. Se se combina com um verbo, seu sentido é de reversão de um processo<sup>14</sup>; se se combina com adjetivo, seu sentido é de um tipo de negação. De fato, *desleal* significa algo como "sem lealdade", mas *desfazer* não significa "sem (não) fazer". Podemos, portanto, hipotetizar que *des-* exemplifica um caso de homonímia de prefixos (como no caso da sufixação discutido na seção 2.2) e que, por isso, deve haver (pelo menos) duas entradas para ele no dicionário de morfemas do português. Cada uma das entradas terá suas propriedades de seleção: *des*<sub>-1</sub>, que significa reversão, seleciona verbos; *des*<sub>-2</sub>, que significa negação, seleciona adjetivos.

Há que se considerar igualmente a existência de casos como os de (16):

(16) (contrato) desfeito, (pessoa) desiludida

Em (16) temos o caso de adjetivos com o prefixo *des-* significando reversão. Mas, como já vimos na discussão dos exemplos em (11), não está invalidada a nossa generalização nem a hipótese da seleção, pois, antes de se formar o adjetivo em (16), formou-se um verbo, o que justifica a presença do prefixo com o significado pertinente: os adjetivos *desfeito* e *desiludida* são derivados dos verbos *desfazer* e *desiludir*.

Mais interessante é o caso de *desumanizar*, em que temos um verbo derivado de um adjetivo; cabe aqui perguntar se o prefixo *des-* se afixou ao adjetivo ou ao verbo. Se, como nos parece, *desumanizar* não é uma palavra ambígua, a história derivacional dela

---

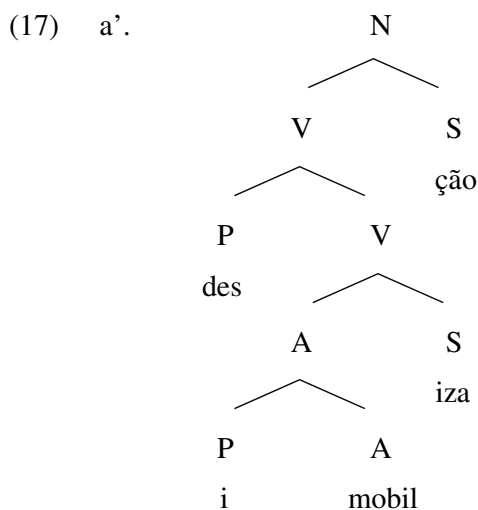
<sup>14</sup> Não é preciso nem mesmo descartar a hipótese de que o prefixo *des-*, que seleciona verbos, pode ser ele também ambíguo.

só pode ser aquela em que *des-* se combina com a base V *-(h)humanizar*, dado o sentido de reversão embutido na palavra<sup>15</sup>.

Vamos examinar ainda casos de palavras com dois prefixos, que nos fornecem suporte adicional para nossa hipótese. Consideremos primeiro (17) abaixo:

- (17) a. desmobilização  
 b. \*indesmobilização  
 c. indesmobilizável

O que se observa nas palavras em (17) é que dois prefixos podem ser afixados se eles obedecem a uma determinada ordem. (17a) é bem formada porque as propriedades de seleção dos dois prefixos são satisfeitas, como mostra (17a') abaixo:



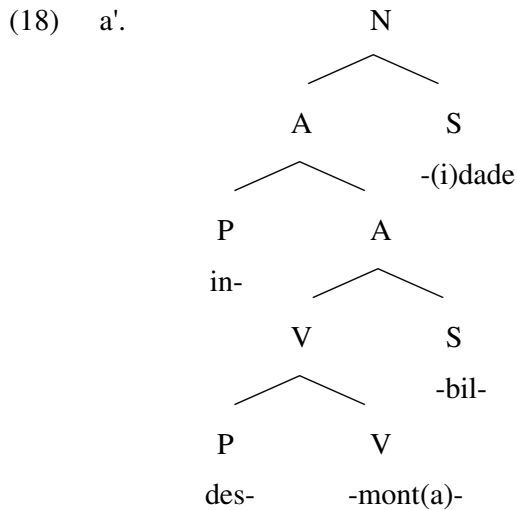
O prefixo *i-* tem disponível a base A *-mobil-*; o prefixo *des-* tem disponível a base V *imobiliz-*. Por sua vez, (17b) é mal formada e isto se explica em virtude de o prefixo *in-* não ter satisfeitas suas propriedades de seleção: o prefixo *des-* tem que esperar até que se forme a base V *mobiliz-* para se afixar e ter suas propriedades satisfeitas, mas, depois

<sup>15</sup>. Aliás, este é um exemplo que tem um outro aspecto muito interessante. Os adjetivos que apresentam o sufixo *des-* em geral não admitem o sufixo *in-*, salvo *humano*, um adjetivo para o qual temos as duas formações: *inumano* e *desumano*. Os adjetivos deste par têm sentidos diferentes: parece possível afirmar que certas características de um marciano sejam inumanas (eles têm dois narizes e um único olho, por exemplo), mas não que os marcianos são desumanos por estas características. São os humanos (que não são inumanos) que podem ser desumanos em seus comportamentos cruéis. Assim, sob o ponto de vista semântico, parece que é a formação em *in-* que é efetivamente regular – no sentido de ser a negação do predicado expresso pelo adjetivo primitivo.

disso, não se forma nenhuma base A que possa satisfazer as propriedades de *in-*. Entretanto, como mostra (17c), as propriedades de *in-* são satisfeitas se, no fim, é formado o adjetivo *desmobilizável* com o sufixo *-vel*.

Por outro lado, a formação em (18a), em que a ordem dos afixos é a mesma de (17b), é perfeitamente possível:

- (18) a. indesmontabilidade  
 b. \*desimontabilidade



Como mostra (18a'), (18a) contém uma palavra bem formada porque o prefixo *des-* tem suas propriedades de seleção satisfeitas pela base V *mont-* a partir da qual se forma a base A *desmontabil-* que satisfará as propriedades do prefixo *in-*. Por outro lado, a formação em (18b) não é bem sucedida porque o prefixo *des-* não encontra uma base V com a qual se afixar. Nossa hipótese de seleção rígida por parte dos prefixos fornece diretamente os elementos para explicação destes fatos.

### 3.3 PREFIXOS E S-SELEÇÃO

Apesar de não nos termos debruçado sobre as propriedades de s-seleção dos sufixos, dada a sua importância no caso dos prefixos, faremos aqui uma breve digressão a respeito.

Não é difícil dar alguma consistência para a idéia de que os prefixos também selecionam rigidamente certas características semânticas da base com a qual se

combinam, pois admitir que o prefixo *s-*seleciona a base tem um efeito desejável imediato: contribui para explicar por que certas formações são gramaticais enquanto outras são descartadas. Esta idéia, em geral não realçada quando se trata do português, encontra formulação explícita no tratamento das línguas eslavas, que têm um sistema rico de prefixos para expressar aspecto (cf. Svenonius 2004). Estes prefixos, que *c-*selecionam invariavelmente verbos, *s-*selecionam aqueles que expressam aspecto compatível com o deles.

Em português, a hipótese de que o prefixo *s-*seleciona a base encontra respaldo, por exemplo, na distribuição do prefixo verbal *des-*. Podemos considerá-lo como um tipo de marcador aspectual que expressa reversão. De saída, ele não pode se combinar com verbos que não marcam processos ou que marcam processos irreversíveis, como os de (19):

(19) \*desmorrer, \*deschegar, \*deslavar, \*desdesejar, \*desnadar, \*dessonhar

Por outro lado, ele se combina naturalmente com outros os verbos de processo, como os de (20):

(20) desfazer, desmontar, desnivelar, desligar, desconstruir, desarrumar

A conclusão que devemos tirar disso é que as impossibilidades em (19) decorrem da incompatibilidade (semântica) entre o aspecto da base e o do prefixo. E a boa formação das palavras em (20) traduzem a compatibilidade semântica entre os dois morfemas da palavra.

Raciocínio igual poderia ser aplicado às formações com outros prefixos como *re-* ou *in-*, casos talvez mais complexos por razões independentes, mas que seguramente forneceriam resultados similares.

#### **4. À GUIZA DE CONCLUSÃO**

Argumentamos neste trabalho em defesa da idéia de que prefixos fazem exigências muito semelhantes às que os sufixos fazem com respeito aos elementos com os quais se combinam. A primeira vantagem evidente é que isso torna a noção de

derivação mais uma e mostra, em última análise, porque afinal chamamos prefixação e sufixação de *derivação*: na verdade, esses dois tipos de processos morfológicos são bastante semelhantes na medida em que trabalham com a idéia de seleção rígida e que esta seleção pode ser dar tanto nos aspectos fonológicos, quanto morfológicos, sintáticos ou semânticos da base.

Finalmente, gostaríamos de sinalizar um ponto controverso mas não por isso menos interessante da idéia de seleção rígida que os prefixos fazem de suas bases: dentro de algum quadro teórico forte, talvez seja possível formular a diferença entre bases presas e prefixos em casos em que a proveniência do elemento não esteja clara. Baseando-se exatamente na idéia de que os prefixos selecionam rigidamente suas bases, não é de se esperar que um prefixo se combine com classes de palavras distintas e, assim, exemplos como *bisavô*, por conta da existência de exemplos como *binacional* (em que aparentemente *bi-* tem o mesmo significado), só poderiam ser analisados como bases, nunca como prefixos.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. ALVES, Ieda Maria. Prefixos negativos no português falado. In: ILARI, Rodolfo (org.) *Gramática do Português Falado vol. II: Níveis de Análise Lingüística*. Campinas: Editora da Unicamp, 1992.
2. ANDERSON, Stephen. *A-Morphous Morphology*. Cambridge: Cambridge University Press, 1992.
3. BASÍLIO, Margarida. *Estruturas lexicais do português*. Petrópolis: Vozes, 1980
4. BASÍLIO, Margarida. *Teoria lexical*. São Paulo: Ática, 1987.
5. BASÍLIO, Margarida; ANDRADE, Fernando de. *Refazer não é reproduzir: polissemia do prefixo re-*. Comunicação apresentada no IV Congresso Nacional da ABRALIN, UnB, 2005.
6. BURZIO, Luigi. *Italian Syntax*. Dordrecht: Kluwer, 1986.
7. CAMARA JR., Joaquim Mattoso. *Dicionário de Lingüística e Gramática*. Petrópolis: Editora Vozes, 1978 [8a. edição].
8. CAMARA JR., Joaquim Mattoso. *Estrutura da Língua Portuguesa*. Petrópolis: Editora Vozes, 1970.
9. CUNHA, Celso; CINTRA, Lindley. *Nova Gramática do Português Contemporâneo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

10. DI SCIULLO, Anna-Maria. *Asymmetry in Morphology*. Cambridge: The MIT Press, 2005.
11. GRIMSHAW, Jane. *Extended Projections*. Ms. Brandeis University, 1991.
12. HALLE, Morris; MARANTZ, Alec. *Distributed Morphology and the Pieces of Inflection*. In: HALE, Kenneth; KEYSER, Samuel Jay (ed.) *The view from building 20*. Cambridge: MIT Press, 1993.
13. MIOTO, Carlos; FIGUEIREDO SILVA, Maria Cristina; LOPES, Ruth. *Novo Manual de Sintaxe*. Florianópolis: Insular, 2004.
14. PUSTEJOVSKY, James. *The Generative Lexicon*. Cambridge: The MIT Press, 1995.
15. ROCHA, Luis Carlos. *Estruturas Morfológicas do Português*. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 1999.
16. SVENONIUS, Peter. *Slavic prefixes inside and outside VP*. *Nord-lyd*, 32.2 (Special Issue on Slavic prefixes). Tromsø: Universidade de Tromsø, 2004 (disponível em [www.ub.uit.no/munin/nordlyd/](http://www.ub.uit.no/munin/nordlyd/))
17. WILLIAMS, Edwin. *On the notions 'lexically related' and 'head of a word'*. *Linguistic Inquiry*, 12, 1981.

**RESUMO:** Este estudo tem por objetivo defender a hipótese de que os prefixos, como os sufixos, selecionam rigidamente a base com a qual se combinam. Para tanto, serão examinados casos de sufixação para mostrar que certas características da seleção, como as incompatibilidades categoriais ou semânticas entre a base e os afixos e a possibilidade de homonímia de sufixos, também se encontram na prefixação.

**PALAVRAS-CHAVE:** prefixação; seleção categorial; morfologia gerativa.

**ABSTRACT:** This study aims at arguing in favor of the hypothesis that prefixes, such as suffixes, strictly select the stem with they combine. In order to do so, there will be examined some cases of suffixation which show that certain characteristics of selection, like semantic or categorial incompatibilities between affixes and stem and the possibility of homonymy of suffixes, are also present in cases of prefixation.

**KEYWORDS:** prefixation, categorial selection, generative morphology.

**RESUMEN:** Este estudio tiene por objeto defender la hipótesis de que los prefijos, como los sufijos, seleccionan rígidamente la base con la cual se combinan. En ese sentido, serán examinados algunos casos de sufijación para mostrar que ciertas características de la selección, como las incompatibilidades categóricas o semánticas entre la base y los afijos y la posibilidad de homonimia de sufijos, también se encuentran en la prefijación.

**PALABRAS CLAVE:** prefijación; selección categórica; morfología generativa.

Recebido no dia 05 de dezembro de 2008.

Artigo aceito para publicação no dia 12 de janeiro de 2009.

